

Reflexões psicanalíticas contemporâneas sobre o cuidador: amor, vínculo e cuidado na infância

**(Contemporary Psychoanalytic Reflections on the caregiver: love,
ties and care in childhood)**

Angélica Bahu Bertolino¹; Ramiz Candelero Pedroso de Moraes²

¹ Graduação – Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro – SP, Brasil
angelicabahu@yahoo.com.br

² Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro – SP, Brasil
ramizcpm@hotmail.com

***Abstract.** This article is the result of a Work Program in Psychology Completion of University Center UNIFAFIBE. The research took place between the years 2015 and 2016, aims to identify the caregiver role in child development and indicate possibilities of care, from the psychoanalytical contributions. From a literature review, it was observed that with the home leaving mothers to the labor market, the caregiver should be someone present, able to represent a safe figure for the child, stimulating it, cherishing it and meeting their basic survival needs. Love, ties and care tend to contribute positively to children's development.*

***Keywords.** child development; caregiver; affective ties*

***Resumo.** Este artigo é fruto de um trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFAFIBE. A pesquisa que ocorreu entre os anos de 2015 e 2016, tem como objetivoidentificar a função do cuidador no desenvolvimento infantil e indicar possibilidades de cuidado, a partir das contribuições psicanalíticas. A partir de uma revisão de literatura, foi possível observar que, com a saída de casa das mães para o mercado de trabalho, o cuidador deve ser alguém presente, capaz de representar uma figura segura para a criança, estimulando-a, acalentando-a e suprimindo suas necessidades básicas de sobrevivência. Amor, vínculo e cuidado tendem à contribuir positivamente para o desenvolvimento infantil.*

***Palavras-chave.** desenvolvimento infantil; cuidador; vínculo afetivo*

INTRODUÇÃO

O conceito da infância é considerado recente na história da mesma, passando por diversas alterações significativas ao longo do tempo. Devido às precárias condições de higiene do século XVII, havia grande número de mortalidade infantil. Com isso o bebê era desprezado, pois se este viesse a falecer, os pais não tinham perdido tempo com algo provisório (CALDEIRA, 2012).

Segundo o autor neste período as crianças não possuíam identidade, e só passavam a tê-las quando conseguissem realizar atividades semelhantes à de um adulto. Nesta época a criança era tratada como um adulto e eram cuidadas pelas chamadas criadeiras, amas de leite ou mães mercenárias. Onde a criança experimentava uma espécie de sentimento superficial, através de “paparicação”.

No século XVIII a criança passou a ser considerada como homens de tamanho reduzido. Neste período a criança era vista como um papel em branco e cabia aos adultos o papel de preparar a criança para a vida adulta, onde se deveria desenvolver nelas o caráter, a razão e os bons costumes (CALDEIRA, 2012).

A criança era considerada um adulto imperfeito e neste período a infância passou a ganhar espaço. Os adultos passaram a se interessar pela aprendizagem das crianças e se organizar em torno da mesma. Baptista (2003) relata que a função materna passou a prevalecer e ser exercida pela mãe, pois a boa educação estava relacionada com o olhar atento e vigilante da mãe e longe de influências negativas de criados.

Com o endereçamento da educação da prole à mãe, as mulheres passaram a investir na criação dos filhos. Com isso passaram a ter autonomia diante dos maridos e a ter seu papel valorizado diante da sociedade assim como a criança, que passou a ser alvo de um investimento afetivo.

Segundo Baptista (2003) cuidar da prole passa de obrigatoriedade moral para amor natural. Neste período passou a ser impossível perder uma criança sem passar por um período de muita dor, pois passou a ser estabelecido o vínculo afetivo com a criança de forma natural, o amor materno.

Este artigo, fruto de um trabalho de conclusão de curso de Psicologia, tem como objetivo identificar a complexidade da função do cuidador no desenvolvimento infantil e

indicar possibilidades de cuidado, a partir das contribuições psicanalíticas, levando em conta o contexto socioeconômico contemporâneo.

A metodologia consiste em uma revisão da literatura operacionalizada mediante a busca eletrônica de artigos indexados nas seguintes bases de dados: *BIREME*, *CAPES*, *MedLineSciELO*, bem como em banco de dados de universidades com o emprego de descritores que pudessem remeter à trabalhos que tratassem do papel do cuidador e desenvolvimento na primeira infância. Foram utilizadas obras clássicas para embasá-lo teoricamente.

Amor, Vínculo E Cuidado: Mãe E Cuidador(A)

Para Winnicott (1964; 1982) o que chamamos de “amor de mãe” não se trata de sentimentalismo e sim de algo semelhante a uma força primitiva, em que se há uma junção de sentimentos positivos e negativos, que a mãe através de sua dedicação passa a vivenciar.

Com isso de forma intuitiva a mãe passa a lançar bases para o desenvolvimento de seu filho e que segundo o autor este é o melhor método para o desenvolvimento do bebê. A criança precisa de alguém que saiba a “segurar” de forma satisfatória, que supra suas necessidades instintivas. O que não implica em um cuidador com grandes formações acadêmicas e sim em alguém que desempenhe o papel de uma “mãe suficientemente boa”, capaz de cuidar, acalantar e transmitir genuinamente valores, em especial de que a vida é digna se ser experienciada (WINNICOTT, 1989; 2005).

Para Lobo (2008) ser uma mãe suficientemente boa, implica na mulher primeiramente se reconhecer como um ser que possui desejos e sentimentos, reconhecendo sua ambivalência e suportando-a. Para que após isto, possa abrir espaço para um novo amor, o amor materno, levando seu parceiro a também desejar o mesmo. Esta deverá vivenciar esse amor, sem perder sua feminilidade e sexualidade, o que resulta de sua transmissão geracional, que por diversas vezes é necessário analisá-las e ressignificá-las.

Segundo Montrone, Rani, Takaesu, Arantes e Fabbro (2013), através da evolução industrial e aumento da procura da mão de obra feminino, a mulher passou a ter um novo papel diante a sociedade. O que contribuiu para as mudanças nas configurações familiares, surgindo novos modelos de famílias, com diferentes papéis da família nuclear.

No mundo moderno e através do paradigma atual de família, com o desejo de estabelecer uma família e com a necessidade de trabalho dos profissionais, diversas vezes a função materna é direcionada para um cuidador, que geralmente é contratado pelos pais. Segundo Winnicott (1964; 1982) o bebê ter um cuidador no lugar da mãe, não significa ser um problema quando este assume e supri as necessidades básicas e emocionais do bebê.

Segundo Iungano e Tostas(2009) no desenvolvimento humano se faz necessário um cuidador que represente uma figura constante e segura para o bebê. O cuidador deve ser capaz de suprir as necessidades de saúde, higiene e alimentação. Durante este processo além das necessidades básicas o cuidador deve estabelecer vínculo afetivo com o bebê, assim como a mãe.

De acordo com Ramires e Schneider (2010), cientificamente existem várias nomenclaturas para o vínculo como “modelo funcional interno”, “modelo funcional do eu”, “modelo de trabalho interno”, “representações mentais”, “scripts”, “modelo funcional compartilhado”, “estilo de apego” e “apego compartilhado”. Atualmente o tema é de suma importância e reconhecimento, devido sua representação e resultância.

Segundo a Teoria do Apego de Bowlby (1969;1990) inicialmente a manutenção e formação dos vínculos, eram perpetuadas pela necessidade de satisfazer certos impulsos, como sexo na vida adulta e necessidade de cuidados básicos na infância. Para o autor existe uma necessidade inata nos bebês de contato com o ser humano, resultando em uma necessidade do bebê em possuir um objeto independente do alimento e conforto.

Para Bowlby (1969; 1990) o apego é o tipo de vínculo estabelecido inicialmente entre duas pessoas, onde o senso de segurança esta ligada á figura de apego. Neste relacionamento a segurança e o conforto, vivenciado ou não, será utilizado como base para futuros relacionamentos deste, como o mundo. Para o autor o apego possui sua própria motivação interna e de necessidade igualmente comparada às necessidades de sobrevivência de todo ser humano. Apesar de ser um estado interno, o apego pode ser observado através de comportamentos do bebê em estabelecer e manter relacionamento com uma figura de apego, resultando na identificação do bebê.

De acordo com Bowlby (1969;1990) há uma existência de organização psicológica interna que possui modelo do self da figura de apegoe que ao final dos três anos de idade, a criança se torna capaz de construir modelos funcionais da realidade e de como as pessoas agirá nas relações com ela e com os outros.

Segundo o autor estes modelos construídos pela criança se estabelecem através de experiências em seu ambiente e interação com seus cuidadores. Estes podem ser funcionais ou distorcidos, de acordo com os modelos de self identificado e internalizado pela mesma. Para o autor conforme essa criança que possuiu segurança em seu apego cresce, há uma atualização inconsciente deste modelo. Enquanto que em crianças ansiosamente apegadas, há uma dificuldade na atualização dos modelos.

De acordo com Montrone et al (2013) nos três primeiros anos da criança deve-se buscar estimular a mesma, principalmente pela sua natural capacidade de plasticidade do período. Para o autor o desenvolvimento da criança é de natural momentos de equilíbrio e desequilíbrio, e este depende de fatores ambientais, físicos e genéticos. Cabendo ao cuidador a responsabilidade de atenção e cuidado integral e ímpar a estes aspectos.

Para Winnicott (1971; 1975) o cuidador deve ter um olhar atento as necessidades e habilidades que aos poucos o bebê passa a adquirir. Pois seu desenvolvimento deve caminhar de dependência para independência do cuidador.

Dalbem (2005) relata que o cuidador primário, nos seis primeiros meses da vida do bebê, tem função determinante e essencial no desenvolvimento afetivo e conseqüentemente psicológico do bebê. O que é de extrema relevância e primordial, pois este período consequenciará e será pré-requisitos para as outras fases do desenvolvimento humano e emocional até sua finitude.

Para Ramires e Schneider (2010) a criança possui a função de auto-atualização e esta favorece a função reflexiva do self, analisar as realidades internas e externas através da comunicação. Possibilitando a criança a desenvolver maior segurança interna, controle das emoções, auto-estima e autonomia, favorecendo o enfrentamento da criança diante situações difíceis, portanto um fator de proteção.

Enquanto em crianças que possuem déficits na sua capacidade de auto-atualização e reflexão, esta irá crescer monitorando a responsividade e acessibilidade das posteriores figuras de apego, resultando em vulnerabilidade para posteriores traumas. (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010).

Para Winnicott (1965; 2005) a mente é algo distinto da psique e esta última está ligada a uma soma e ao funcionamento corporal, enquanto a mente corresponde às funções cognitivas. Ambas se relacionam e a mãe ou cuidador deve se adaptar as necessidades do bebê para que a personalidade deste se desenvolva sem distorções. Em especial sobre os

primeiros meses de vida do bebê, uma vez que sua dependência o faz se expor a conseqüências deste cuidado. Deste modo sua maturação emocional, personalização e surgimento de psicopatologias estão altamente relacionados com a provisão ambiental (WINNICOTT, 1979; 1983)

Portanto o cuidador deve ser um facilitador de seu desenvolvimento biopsicossocial, percebendo a necessidade e habilidades de cada fase do desenvolvimento, permitindo e estimulando a aprendizagem do mesmo de maneira adequada a cada sua presente fase, além de observar, compreender e nomear os estados mentais e experiências emocionais da criança. Com isso sendo um facilitador da aquisição da atualização do modelo funcional e do desenvolvimento emocional da criança (BOWLBY, 1773; 1998).

De acordo com Ramires e Schneider (2010) umas das evoluções do estudo do modelo funcional, é que este se relaciona com componentes afetivos e cognitivos, sendo um conjunto de comportamento do apego que resulta de suas experiências e guia comportamentos em todos os contextos, podendo ser padrões de resposta segura, insegura evitativa e insegura ambivalente. Sendo estes, reflexos de sua experiências vivenciada em relação as respostas do cuidador as ações ou tentativas de ações do bebê, onde através destas o bebê passa ter representações inconscientes generalizadas e com tendências a se estabilizarem.

Para o autor as representações acontecem no primeiro ano de vida, através de regras do cuidador direcionadas as ações do bebê, podendo permitir ou limitar este a realizar avaliação de suas experiências vivenciadas, na organização da atenção e da memória, no conhecimento a respeito de seu self e que serão refletidos na forma de organização de da linguagem e pensamento.

Através da comunicação e reflexão da própria história de vida do cuidador, a criança passa a revisar seus modelos funcionais internos. Com isso os modelos passam a ter função regulatória, defensiva e positiva no fortalecimento do self. Onde a partir deste se cria realidades e significados individuais do mundo.

De acordo com Ramires e Schneider (2010) a mudança de representação de segurança da criança, pode ocorrer através de experiências concretas com cuidadores empáticos e suportivo, que possuem capacidade no manejo de angustia, capacidade de simbolizar e integrar afetos de grande carga emocional.

Segundo o autor, na psicoterapia é de suma importância o terapeuta refletir a historia do apego da criança, através de uma escuta sensível e empática, capaz de proporcionar

identificação do paciente, buscando resgatar, classificar e aumentar sua compreensão sobre tema, onde este possa realizar uma auto-atualização de suas representações mentais e de seu self, com isso alcançando maior estado de segurança e motivação para se viver.

Montrone et al (2013) ressalta a importância de se cuidar da criança e de se apresentar limites a mesma, uma vez que este processo resulta na cristalização da aprendizagem de comportamentos adequados e tomada de decisão sobre o que é certo e errado, portanto o cuidador também possui um função de formação moral da criança.

Winnicott (1989; 2005) ressalta a importância de se proporcionar um ambiente saudável não só pela ausência de neuroses, mas também na liberdade de sua personalidade que esta relacionado segundo o autor com a riqueza ou pobreza de sua realidade psíquica. E que este individuo possa alcançar uma identificação com a sociedade sem perder seu impulsos individuais, o que não esta relacionado com o controle dos mesmos, sendo este necessário para o convívio na sociedade.

De acordo um estudo realizado por Montrone et al (2013) com cuidadoras de comunidades, as mesmas reconhecem a importância de suas funções de cuidados básicos e afetivos com a criança. Segundo elas, fazem seu trabalho porque gostam e também pela empatia da necessidade de suas mães em ter que deixar seus filhos com elas por diversos motivos. Segundo o autor estas cuidadoras também estabelecem vínculos afetivos com as crianças.

Atualmente os pais ao contratar um cuidador para seu filho, além de investirem confiança no cuidador, passam a ter um vínculo com o mesmo, assim como ele e o bebê. O problema atual esta no vínculo estabelecido entre o cuidador e o bebê que é por diversas vezes interrompido de forma bruta por vários motivos.

A escolha desse tema se deu pelo aumento de profissionais atuando por conta do mundo moderno e suas necessidades. Onde os pais a partir do desejo de formar uma família, passam a ter a necessidade de contratar um cuidador para seu filho. Com isso e através deste trabalho, se pretendeu analisar o impacto deste movimento social com o foco no desenvolvimento infantil, através de pesquisa de verdade poética e científica. Para Winnicott (1989; 2005), na verdade científica o pesquisador busca um resultado imediato, enquanto na verdade poética, o individuo vivência “satisfações profundas” experimentadas através de experiências criativas e sentimentais, sendo através da poesia que se sucede a verdadeira cristalização (WINNICOTT, 1989; 2005).

Conclusão

Durante a pesquisa bibliográfica foi observada a necessidade de se ter um cuidador presente, capaz de representar uma figura segura para a criança. Além de estimular, acalantar e suprir suas necessidades básicas de sobrevivência.

Foi observado que este é um período de grande complexidade e que quando desenvolvido com falhas, este irá refletir nas fases seguintes do desenvolvimento humano, podendo gerar distúrbios psicológicos e diferentes patologias.

Este tema torna-se atual e necessita de mais exploração científica, já que vivemos um processo de globalização e de saída (principalmente) das mães para o mercado de trabalho. Neste contexto, é imprescindível compreender o papel deste cuidador e o impacto no desenvolvimento infantil, abrindo possibilidade para futuras pesquisas de campo.

Concluimos que não houve resultados negativos da criação de uma criança que não é cuidada pela mãe biológica e é de suma importância que esta se sinta esclarecida em relação a seus desejos, sentimentos e ambivalências para o desenvolvimento e saúde psicológica da criança.

Referências

BAPTISTA, V. F. *Amar, cuidar, subjetivar: implicações na primeira infância. Estilos clin.* [online], vol.8, n.15, p. 58-71, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

BOWLBY, J. *Apego e perda, Vol 1.* Apego: a natureza do vínculo, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (1969;1990).

_____. *Apego e perda, Vol. 2.* Separação: angústia e raiva, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (1973; 1998).

CALDEIRA, L. B. *O conceito de infância no decorrer da História. Dia a Dia Educação [online].* 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arq. bras. psicol.* [online], vol.57, n.1, p. 12-24,

2005. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cadernos Cedes*, v.24, n.62, p. 64-81, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

IUNGANO, E. M.; TOSTA, R. M. A realização da função materna em casos de adoecimento da criança. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.* [online], vol.29, n.1, p. 100-119, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

LOBO, S. As condições de surgimento da Mãe Suficientemente Boa. *Rev. bras. psicanál* [online], vol.42, n.4, p. 67-74, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

MONTRONE, A. V. G.; RANI, R.; TAKAESU, R. K.; ARANTES, C. I. S.; FABBRO, M. R. C. Percepções e práticas de cuidadoras comunitárias no cuidado de crianças menores de três anos. *Trab. educ. saúde* [online]. 2013, vol.11, n.3, pp.659-678. ISSN 1981-7746. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462013000300011>. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. 1, p. 25-33, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro. 6ª ed. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., (1964; 1982).

_____. *A família e o desenvolvimento individual*. Trad. M. B. C. São Paulo. Martins Fontes, (1965; 2005).

_____. *O brincar & a realidade*. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, (1971; 1975).

_____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. I. C. S. Ortiz. Porto Alegre: Artmed, (1979; 1983).